



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15778 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**APRENDIZAGEM AFETIVA: REDESENHANDO A DOCÊNCIA E O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM LINHAS DE EXPERIMENTAÇÃO**  
 Ana Paula Patrocínio Holzmeister - UNIVERSIDADE DE VILA VELHA  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

### **APRENDIZAGEM AFETIVA: REDESENHANDO A DOCÊNCIA E O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM LINHAS DE EXPERIMENTAÇÃO**

Este texto visa contribuir para as discussões em torno do sentido do currículo e da docência na educação infantil; problematizando-os mediante a noção de docência em ato. Nesses termos, perguntamos: Como é possível produzir movimentos curriculares causados pela experiência de uma docência em ato e como tais movimentos potencializam o próprio sentido da docência?

Buscamos, assim, discutir a docência na educação infantil como prática comunitária mediante as relações que desenhamos entre os três gêneros do conhecimento em Spinoza. Utilizamos como referências a Filosofia Prática de Gilles Deleuze (2002), a Ética de Spinoza (1992), o Aprendizado Ético-Afetivo de Juliana Merçon (2009) e as políticas do toque de Erin Manning.

Sob tal orientação, buscamos pensar as passagens entre os três gêneros do conhecimento no contexto do exercício artístico de produzir atos de docência a partir da composição de um corpo com as potências da infância. Nesses termos, procuramos alçar o entendimento acerca do ato de educar desde a ordem afetiva das relações que tecemos na experiência dos encontros educadores, questionando como tal experimentação convoca a docência a diferenciar-se de si.

Adotamos como referencial metodológico a pesquisa cartográfica, acompanhando os movimentos de produção do desejo no exercício de constituição das relações rítmicas estabelecidas entre os corpos nos encontros educativos. Essas relações tendem a promover a ampliação da potência ser, sentir, agir e existir das individualidades – coletividades em composição no processo educador. Trata-se, assim, de uma composição corpórea que envolve os corpos das crianças e das professoras para criar esteticamente linhas afetivas que se

potencializam para traçar aprendizagens inventivas.

Assim, a dita *docência em ato* constitui-se sempre como certa modalidade de exercício cartográfico tecido em composição com as infâncias, na busca por experimentar afetos ante os sentidos produzidos por elas, isto é, mediante uma leitura *crianceira* dos movimentos expressivos das crianças em seus ensaios inventivos, passando a desenhar com elas o traçado de uma pesquisa investigativa que não fala sobre elas, mas que emerge do acontecimento de uma experimentação vital comunitária, envolvida pela produção de múltiplas linguagens.

Nessa direção, argumentamos a aprendizagem como arte dedicada à busca pelo entendimento das causas que constituem as relações entre os corpos no encontro. Essa busca por composições convenientes à nossa constituição extensiva-intensiva atual tende a nos forçar, positivamente, à busca pela efetuação de nossa potência por meio da criação do ato de pensar no pensamento, orientado a conceber a ideia da noção comum.

Tal movimento (a experiência do encontro com outros corpos) coincide, portanto, com nosso esforço para perseverar em nossa existência – no sentido de nossa essência (ou grau atual de potência), a saber: na produção de relações que nos permitam expressar-existir conforme nossa máxima intensidade. São processos sensíveis e intelectuais que, desse ponto de vista, coexistem e se implicam conforme um processo afetivo de aprendizagem.

Por força da referida exigência corpóreo-afetiva de atribuir sentido e, portanto, aprender como lidar com o afeto diferencial experimentado no encontro (potencialmente, fora de nosso campo de referência), buscamos conceber um aprendizado, mas, como dito, trata-se de um aprendizado como experimentação, como tentativa de criar uma composição rítmica adequada do nosso corpo com o corpo de outrem. Isto é, tentamos conceber uma configuração corpóreo-afetiva distinta, capaz de compor arranjos ritmos ou conjunções objetivas-subjetivas capazes de garantir a conservação de nossas relações constituintes (ou seja, possibilitar que perseveremos em nossa existência) e, se possível, viabilizar a expansão da potência de nosso corpo (no encontro com o corpo de outrem), para que expandamos nossos modos de existência ou possibilidades de vida.

Desse modo, a aprendizagem que afirmamos aqui se constitui desde uma experimentação que ocorre simultaneamente no campo do sensível e do pensamento. Uma experimentação em que os corpos são tomados pelas forças disjuntivas dos afetos. Forças capazes de forçar o pensamento a extrapolar o plano do que se apresenta previamente como limites instituídos para o inteligível, ou seja, como capacidade restrita de reconhecimento, demonstração e aplicação de compreensões já delimitadas pela racionalidade técnico-científica, por exemplo.

Defendemos, assim, o sentido da atividade docente como arte ou estilo de composição de relações de produção entre os corpos envolvidos no encontro. Isso desde a experimentação dos afetos de alegria, em razão de que tais corpos possam efetuar e expandir seu grau atual de potência, sua essencialidade. Docência como arte de compor. Tateamento do enlace criador entre o sensível e o pensamento... Docência como tessitura de um plano comunitário de interpretação dos signos surgidos ao acaso dos encontros. A docência em ato apresenta-se, aqui, como uma experimentação.

Uma docência caracteriza-se como um corpo-extensivo-intensivo-infinito que efetua um grau de potência em direção ao fortalecimento do acontecimento da aprendizagem, tomada então como experiência por meio da qual o corpo infante pode expandir sua força de ser no jogo social em que o real se produz. Tal estilo de aprendizagem passa pela via do sensível, de uma atenção às relações constitutivas dos corpos e dos modos pelos quais elas se vão compondo e decompondo na experiência do encontro.

Ao corroborarmos a docência na educação infantil como arte do encontro, uma experimentação rítmica, deslocamo-la em direção a uma linha de fuga rumo à criação de uma nova terra, como um exercício de pensamento que só pode ser efetutado na imanência dos encontros. É um plano que só pode ser rascunhado por forças de um devir-criança

experimentado pela docência. Devir da conta que surge de modo inesperado: uma surpresa.

Nesse sentido, a docência na educação infantil não quer prescrever nenhum modelo de aula idealizado, mas cartografar mapas das experimentações curriculares, buscando entendimento de nossos movimentos sobre a terra, encontrando lógicas e sentidos diferentes dos habituais e afirmando a sensibilidade como campo de prática ativa do social.

## **REFERÊNCIAS**

DELEUZE. Espinosa: filosofia prática. Trad. de Daniel Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE E GUATTARI. O que é filosofia? São Paulo: Ed 34. 1992.

DELEUZE. Cursos sobre Spinoza. Vincennes, 1979-1981.

MERÇON, Juliana. Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura Spinozana da Educação. Editora Alínea, 2009.

SPINOZA, B. Ética. Tradução e notas por Tomaz Tadeu. Edição bilíngue: Belo Horizonte: Autêntica, 2008.